# UMA PRIMEIRA REESCRITA COLETIVA EM LÍNGUA PORTUGUESA DO ROMANCE *ESCAL-VIGOR* (1899), DE GEORGES EEKHOUD[1]

## THE VERY FIRST PORTUGUESE COLLABORATIVE REWRITING OF GEORGES EEKHOUD'S NOVEL *ESCAL-VIGOR* (1899)


**RESUMO**

Este artigo relata a experiência de reescrita de dois excertos do romance *Escal-Vigor* (1899), do escritor belga Georges Eekhoud, a partir de uma prática de tradução coletiva, realizada em novembro de 2024 sob nossa orientação, no âmbito da disciplina intensiva Oficina de Tradução II do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC). A obra, ainda inédita no contexto lusófono, é relevante por ser pioneira ao abordar a homoafetividade de forma apologética e socrática, ainda que o autor recorra a uma linguagem naturalista própria do discurso decadentista do final do século XIX. O estudo tem sua relevância, além disso, por proporcionar um campo fértil para a análise do processo tradutório de textos do par de língua/cultura francês-português. Adotando uma ótica queer da tradução, buscamos discutir as possibilidades de leitura paranoica e, mais enfaticamente, de leitura reparadora, tendo em vista as contribuições de Eve Kosofsky Sedgwick. As estratégias de reescrita aqui propostas oferecem reflexões valiosas não apenas ao revisitar o texto de partida, mas também ao promoverem um engajamento pedagógico com o público leitor LGBT+ brasileiro, buscando, assim, estabelecer um diálogo contemporâneo e inclusivo com obras estrangeiras historicamente ignoradas em nosso sistema literário. O intuito é perceber de que forma as(os) tradutores acolhem ou rejeitam as questões identitárias e de gênero de um texto oitocentista datado, tendo em vista as demandas sociais contemporâneas no contexto de chegada.



**Palavras-chave:** Tradução queer. Francophone literature. Georges Eekhoud. Escal-Vigor. LGBT+.





1 Este trabalho foi realizado com o apoio financeiro do Governo do Estado de Santa Catarina, por intermédio da Fundação de Amparo à Pesquisa e à Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc). O presente trabalho foi igualmente realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.



**André Luís Leite de Menezes**
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGET-UFSC). Bolsista Fapesc e PrInt/Capes. Bacharel em Letras Francês (2018) e Mestre em Estudos da Tradução (2021) pela mesma instituição, e-mail: andreluisleite13@gmail.com.
**Marie-Hélène Catherine Torres**
Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGET-UFSC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Doutora pela Katholieke Universiteit Leuven (2001) e Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995), e-mail: marie.helene.torres@gmail.com.

**ABSTRACT**

In this article, we discuss the experience of rewriting an excerpt from the novel *Escal-Vigor* (1899), by Belgian writer Georges Eekhoud, through a collective translation practice conducted in November 2024 under our guidance, as part of the intensive course Translation Workshop II in the The Graduate Program in Translation Studies (PGET) at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). The work, still unpublished in the Portuguese-speaking context, is significant for being pioneering in its apologetic and Socratic approach to homoaffectivity, although the author uses a naturalistic language typical of the decadent discourse of the late 19th century. Moreover, this study is relevant for providing a fertile ground for analyzing the translation process of texts between French and Portuguese languages and cultures. Adopting a queer perspective on translation, we discuss its possibilities for paranoid and reparative readings, drawing on Eve Kosofsky Sedgwick's contributions. We understand the second as a form of affective rewriting that not only revisits the source text but also engages pedagogically with the LGBT+ Brazilian readership, seeking a contemporary and inclusive dialogue with foreign works historically ignored in our literary system. The goal is to explore how translators embrace or reject the identity and gender issues of a dated 19th-century text, in light of contemporary social demands in the target context.

**Keywords:** Queer Translation. Reparative Reading. Georges Eekhoud. Escal-Vigor. LGBT+.



## Introdução e justificativa

Este artigo é fruto de uma prática de reescrita coletiva queer[2] realizada no dia 8 de novembro de 2024, durante a disciplina intensiva Oficina de Tradução II, ministrada pela professora Marie-Hélène Catherine Torres no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), cujo escopo visava à tradução de textos literários com ênfase no par de língua-cultura francês/português. O objetivo era promover reflexões críticas, permitindo que cada participante desenvolvesse e aprofundasse conhecimentos práticos e teóricos na área, oferecendo, portanto, um espaço de exercitação em prol de uma abertura crítica relativa às escolhas envolvidas no trabalho do(a) tradutor(a). Por questões metodológicas, após expormos em slides uma breve apresentação do autor, Georges Eekhoud, de sua bibliografia e da obra escolhida, *Escal-Vigor* (1899), bem como sua contextualização sócio-histórica, foram selecionados alguns trechos do romance para o exercício tradutório em questão,

2 Oriundo do inglês, o termo, que antes designava uma injúria, foi reapropriado por Teresa de Lauretis no início dos anos 90, para designar um outro horizonte discursivo capaz de abarcar as sexualidades ditas desviantes, rejeitando, por exemplo, a oposição binária entre homo e heterossexualidade. Conforme nos lembra Marie-Hélène Bourcier (2011, p. 152), o queer passa então a ser compreendido como um engajamento político que visa romper com o discurso e a prática homofóbicos com relação a tudo aquilo que se coloca como universal e padrão, questionando paradigmas excludentes e as próprias subjetividades.

realizado por quatro grupos distintos. Devido às limitações deste artigo, optamos por analisar apenas dois trechos, que serão comentados na seção final.

Vale dizer que a obra escolhida é ainda inédita no cenário lusófono e se destaca por ser uma das primeiras em língua francesa a retratar de forma central e de maneira relativamente positiva o afeto entre pessoas do mesmo sexo, ainda que se valha de uma linguagem naturalista[3]/decadente[4] típica do discurso literário do século XIX. À luz das contribuições da teórica feminista Eve Kosofsky Sedgwick (2003), sobretudo no que concerne à sua discussão em torno de leituras *paranoica* e *reparadora*, buscamos interpretar o processo tradutório sob uma perspectiva queer, isto é, em que medida se constituem como uma prática de reescrita afetiva orientada para um possível público LGBT+[5] brasileiro.

A escolha desta tradução em específico adquire particular relevância em contextos de censura institucional a pesquisas sobre gênero e sexualidade, tendo em vista que em Santa Catarina, a decisão da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) — detalhada por Alessandra Jungs de Almeida no Le Monde Diplomatique[6] de 22 de novembro de 2024 — de negar financiamento a doze projetos da UFSC e quatro da UDESC que abordavam temas como gênero, sexualidade e movimentos sociais foi interpretada como uma "retaliação à inovação e ao progresso social". Muitos(as) pesquisadores(as) tiveram que reformular seus projetos de pesquisa ou fazê-las de forma clandestina.

*Escal-Vigor* foi publicado integralmente pelo célebre Mercure de France[7] no início de 1899, após ter sido impresso parcialmente no ano anterior pela mesma revista sob o título *Le Comte de la digue*. Em julho de 1909, Charles Carrington, editor e tradutor responsável pela primeira tradução em inglês, famoso por suas edições



3 João Silvério Trevisan (2023, p. 8) reitera que o naturalismo marcou a literatura do final do século XIX em todo o mundo, aos moldes dos romances de Émile Zola, e acrescenta que, ao absorver "o discurso científico sobre a sexualidade, então inovador, o olhar naturalista trouxe à cena literária os primeiros personagens claramente dissidentes do ponto de vista do desejo e da identidade de gênero", ainda que em "tom condenatório", conforme a propunha a medicina da época, que visava a codificar o marginal social e os desvios morais de suas práticas. Se antes o "sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie", ou seja, cria-se uma categoria "psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade", sobretudo a partir de 1870 com o artigo de Westphal. (Foucault, 2020, p. 28).

4 Segundo Helena Vieira (2024, p. 12), a decadência foi um movimento literário e intelectual francês "cujas características remetem a: exaustão frente à literatura parnasiana ou aos padrões de beleza clássica, fuga da realidade, ataques à moral, subversão da moral burguesa, abandono de tudo aquilo que sustentou as artes e um certo modo de vida na Europa". Outra obra nesses moldes, recentemente traduzida no Brasil, é *Senhor Vênus*, de Rachilde, com autoria de Flávia Lago.

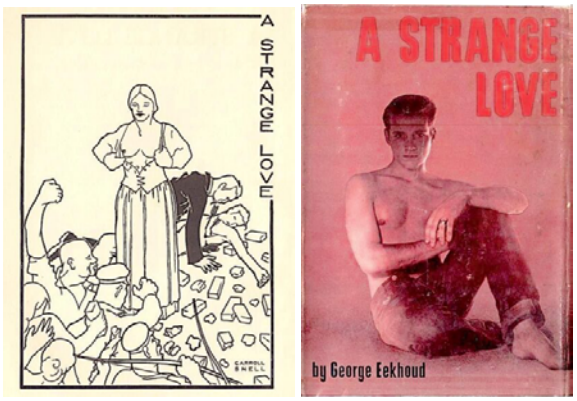
5 A sigla LGBT+ refere-se a lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais, mas neste estudo, é usada para incluir qualquer pessoa não heterossexual ou cisgênera. O termo queer é empregado como sinônimo de LGBT+, pois representa um questionamento das normas sexuais. Reconhecemos que a sigla possui variantes e que ela serve como forma de representar a diversidade de sexualidades dissidentes, muitas vezes difíceis de serem reduzidas a um único termo.

6 Disponível em: https://diplomatique.org.br/politica-disfarcada-de-neutralidade-fapesc-e-sua-retaliacao-a-inovacao-e-ao-progresso-social/. Acesso em: 18 jun. 2025.

7 Fundada na segunda metade do século XVII por Jean Donneau de Visé, a editora tinha por finalidade divulgar histórias curtas e poemas. A partir de 1890, coube a Rachilde e Alfred Vallette reformularem sua proposta segundo os moldes do *fin-de-siècle*.

de literatura erótica na Europa no final do século XIX e início do XX, justificou as decisões editoriais tomadas para traduzir e publicar o romance, apesar de a obra ter sido processada em outubro de 1900, por conta de "atentado à moral pública". Em nota, Carrington escreveu que *Escal-Vigor* é um "livro viril", não sendo recomendado para "criancinhas".[8]

**Figuras 1 e 2** - Capas das edições em língua inglesa




Sob o título *Escal-Vigor: A Novel from the French*, publicado pela editora bruxelense The Gutemberg Press, a tradução de Carrington seria mais tarde reimpressa pela editora nova-iorquina Panurge Press, que mudaria radicalmente o título para *A Strange Love: A Novel of Abnormal Passion*, eliminando abruptamente a referência ao título original em francês. Essa nova edição acrescentava ainda uma ilustração assinada por Carroll Snell, na qual uma mulher é retratada em primeiro plano exibindo o busto e mostrando um dos mamilos. Ao fundo, vê-se uma multidão furiosa atirando pedras em sua direção e, à direita, a figura de um homem bem-vestido pairando sobre outro, sem camisa — uma representação dramatizada e erotizada da cena final do romance.

Em 1965, a editora Guild Press, de Washington, D.C., relançou a tradução de Carrington com uma nova apresentação editorial: a capa trazia a imagem de um jovem sem camisa, e o subtítulo restaurava o título original francês, *Escal-Vigor*, embora mantendo *A Strange Love* como título principal. Na orelha da edição, um resumo — provavelmente redigido pelo próprio tradutor — destaca a relevância da obra e do autor, apresentando *Escal-Vigor* como um dos primeiros romances a tratar abertamente do homoerotismo. A sinopse enfatiza o retorno do jovem Henry de Kehlmark à propriedade familiar, acompanhado de Blandine, sua governanta e amante, e do criado Landrillon. Ao reencontrar Guidon, Henry vê despertar um desejo há muito reprimido, estabelecendo com o rapaz uma relação afetiva e formativa. O enredo, descrito em tons dramáticos e com certo ênfase no desejo transgressor, se destaca pelas intrigas envolvendo Blandine, que se sacrifica para proteger Henry, e Claudie, irmã de Guidon, determinada a destruir os amantes. A narrativa culmina em

8 Segundo Roselfeld (2006), Carrington teria escrito em seu prefácio: "Escal Vigor is not for 'babys & sucklings' – it is a hot & virile book".



ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 145-164

um desfecho trágico, que consagrou a obra como um clássico de temática homoafetiva na virada do século XX. Segundo Carrington (1909), Georges Eekhoud é um dos principais escritores deste século, responsável por uma das primeiras obras de ficção a tratar do tema do homoerotismo.

Além das edições anglófonas, chama-nos atenção a tradução de *Escal-Vigor* para o neerlandês, realizada por Katelijne De Vuyst, 115 anos após a primeira edição francófona. Essa tradução merece destaque não apenas por seu valor histórico — afinal, o neerlandês era a língua materna de Eekhoud —, mas também pelas escolhas tradutórias que a posicionam como "uma primeira tradução queer" do romance. Segundo Peeters (2020, p. 103), a versão neerlandesa de De Vuyst reinterpreta a obra de Eekhoud ao distanciá-la de seu contexto original, associado ao naturalismo e ao nacionalismo belga, uma vez que a tradução privilegia a dimensão homoerótica do romance, seja ao atenuar o tom trágico atribuído à homossexualidade, seja ao modernizar o estilo narrativo. Além disso, ele argumenta que os elementos regionais e a "belgitude" do autor são minimizados em favor de uma leitura mais universalizante e transnacional. Nesse processo, *Escal-Vigor* deixa de ser visto como um romance regional ou datado, passando a integrar simbolicamente um "cânone LGBT+" literário de alcance internacional.

O interesse atual em *Escal-Vigor* estaria, portanto, justamente ligado à sua possibilidade de reescrita homoafetiva, despojada de códigos naturalistas. Se Eekhoud foi canonizado como naturalista belga e depois relegado ao esquecimento por seu "regionalismo flamengo", foi por meio da tradução neerlandesa que ele foi reabilitado como autor LGBT+, vinculado agora a uma rede internacional queer — para além de uma visão redutora do *fin-de-siècle* ou do decadentismo francês.



Em consonância com De Vuyst, acreditamos que a tradução literária tem o potencial de abrir um diálogo contemporâneo e inclusivo, destacando-se como mais uma ferramenta de intervenção social e cultural, sobretudo em contextos políticos opressores, uma vez que elementos literários articulados em torno de sexualidades desviantes passam a ser renegociados para um novo público-alvo. Ao refletir sobre a prática tradutória coletiva desenvolvida em sala de aula, buscamos evidenciar as diversas possibilidades de leitura como formas de resistência na compreensão da obra de Eekhoud, interpretando a linguagem da época como um sintoma social passível de reformulação. A contribuição de uma tradução comentada desse romance francófono em especial oferece, portanto, a oportunidade de reparação histórica, fomentada por novas perspectivas tradutórias.

## Um rebelde queer do século XIX

Georges Eekhoud nasceu aos 27 de maio de 1854, na grande cidade portuária de Antuérpia, situada na região flamenga ao norte da Bélgica. Anarquista e pacifista, frequentemente citado como um dos maiores romancistas belgas de sua época,

Eekhoud foi também um dos primeiros intelectuais queer do final do século XIX. De acordo com os estudos de Rosenfeld (2022, p. 142), o escritor belga se destacou por seu engajamento com questões sociais, políticas e culturais ao longo de sua trajetória. Filho de Guillemina Œdenkoven, comerciante, e Ferdinand Eekhoud, escriturário, tornou-se órfão muito cedo, ficando sob a tutela do tio materno, Henri Œdenkoven.

Entre 1863 e 1865, Georges Eekhoud permaneceu no Instituto Saint-Vincent-de-Paul, onde o ensino era predominantemente em francês, o que lhe permitiu aprofundar seus conhecimentos nessa e em outras línguas estrangeiras. Após a comunhão solene, em abril de 1865, não demoraria para deixar a instituição, repreendido por sua conduta sempre "suspeita". Em 1866, Eekhoud viaja para a Suíça com o intuito de ingressar no Instituto Breidenstein, uma das maiores referências de ensino da Europa, onde passaria os próximos quatro anos, acompanhado pelos primos.

Essa fase de sua infância, descrita em seus diários, parece revelar uma certa de fragilidade física e inquietude emocional, marcadas também por episódios que sugerem o despertar de um olhar homoerótico. Em um desses relatos, Eekhoud rememora um acidente durante a recreação, quando torceu o pé e precisou permanecer de cama por vários dias. Durante esse período, foi cuidado com afeto por seu colega de quarto, o jovem italiano Giuseppe Facchini, que, além de lhe prestar cuidados físicos — como aplicar sanguessugas, preparar compressas e ajudá-lo a se mover —, também o presenteou com chocolate e lhe emprestou uma edição recém-publicada de Victor Hugo. Conforme lembra Lucien (1999, p. 25-35) Facchini é descrito como um rapaz belo e robusto, de traços marcantes e lábios grossos, cuja presença afetuosa marcou profundamente o jovem Eekhoud, a ponto de compará-lo aos jovens retratados por Michelangelo na Capela Sistina.



Nos anos seguintes, Eekhoud teve uma série de experiências que influenciaram sua formação intelectual e artística. Em 1871, após a morte de seu tio, passou a viver com sua avó materna, Catherine Cornélie Smits, de quem era muito próximo. Sua trajetória acadêmica foi marcada por uma série de fracassos, como a expulsão da Escola Militar Real em 1872, após envolvimento em um duelo e "questões morais". Em vez de seguir a carreira militar, voltou-se para o jornalismo, iniciando sua atuação no jornal *Le Précurseur* em 1873.

A partir de 1877, Eekhoud começou a ganhar considerável destaque no cenário literário, publicando suas primeiras coletâneas de poemas, como *Myrtes et Cyprès* e *Zigzags poétiques*, graças à ajuda financeira de sua avó. Nesse período, passou a se envolver com o movimento naturalista belga, engajando-se em formar círculos literários como o *Le Cénacle*, frequentado por jovens artistas e escritores que defendiam uma arte libertária e progressista. Após se lançar como poeta, talvez por conta das críticas desfavoráveis, Eekhoud passa a se dedicar em definitivo à prosa, publicando diversos contos e romances.[9]

9 Entre suas principais publicações, destacamos *Kermesses* (1884), uma coleção de oito contos que retratam a vida nas aldeias flamengas, com ilustrações de Frans Van Kuyck; *Nouvelles Kermesses. Moeurs flamandes* (1887), em que Eekhoud expande sua exploração de costumes flamengos ao longo de onze contos; *Cycle patibulaire* (1892), que foi ampliado de nove para quatorze contos na edição de 1896,

Sua vida pessoal foi marcada por uma relação ambígua com Cornélie Van Camp, uma cozinheira da casa de sua avó, que mais tarde se tornaria sua esposa. A partir de 1882, ele passou a residir em Schaerbeek, nos subúrbios da capital bruxelense, o que o ajudou a se aproximar da nova geração de escritores belgas. Em 1893, Eekhoud ganhou notoriedade em Paris, quando teve seu trabalho reconhecido pelos críticos franceses, com o *Prix quinquennal de littérature française*. Vale mencionar que dois anos antes, ele conhece Sander Pierron, seu grande amor. Embora ambos fossem comprometidos, continuaram a se ver e a se corresponder até o final da vida de Eekhoud. Há uma abundante correspondência entre os dois que comprova esse fato, publicada pela pesquisadora Mirande Lucien em 1993 sob o título *Mon bien aimé petit Sander'. Cartas de Georges Eekhoud a Sander Pierron 1892-1927.* Em uma delas, ele cita o romance que estava escrevendo e afirma que o livro consolará e exaltará muitos amantes homogênicos [sic] e os reconciliará consigo mesmos, chamando-os à coragem, à dignidade e ao heroísmo apaixonado. Em outra carta, datada de 6 de janeiro de 1898, vai além e escreve: "Sim, você é o meu próprio vigor, meu Escal-Vigor!" (*apud* Courapied, 2014, p. 462).

Nesse mesmo período, é nomeado professor de literatura inglesa na Université Nouvelle, uma ramificação anarquista da Université Libre de Bruxelles, onde ele ficaria por quase 25 anos. Enquanto trabalhava nos periódicos, também escrevia romances populares em formato de série sob o pseudônimo de Gabriël d'Estranges. Em 1899, seu *Escal-Vigor* foi apreendido devido a acusações de ofensa às boas maneiras, gerando uma onda de apoio a Eekhoud entre escritores franceses e belgas em defesa da liberdade artística.



Nos anos seguintes, Eekhoud envolveu-se em causas sociais e políticas, incluindo a defesa dos direitos dos homossexuais, por meio de sua adesão ao Comitê Científico Humanitário de Hirschfeld. Conforme relata Lucien (1999, p. 157), durante a Primeira Guerra Mundial, ele se recusou a adotar uma postura antialemã absoluta, defendendo a cultura alemã e questionando a retórica de ódio prevalecente na época. Sua mudança política após a guerra o aproximou de grupos comunistas, mas sua orientação sexual gerou desconfiança entre alguns dos novos aliados. Em 1920, Eekhoud publica *Des Hommes*, uma crítica contundente à hipocrisia das autoridades belgas após a guerra, e, em 1924, foi convidado a presidir um círculo literário em Bruxelas. Em 1927, foi nomeado Comandante da Ordem da Coroa, um reconhecimento tardio de sua contribuição cultural e política. Georges Eekhoud faleceu pouco depois, em 29 de maio de 1927, nos arredores da capital belga.

---

tratando de temas sombrios e moralmente complexos para a sociedade de então; e *Mes Communions* (1895), contendo dezesseis contos, com uma edição revisada em 1897, em que foram incluídos novos contos e removidos outros. Entre os romances, citamos *Les Milices de Saint François* (1886), *La Nouvelle Carthage* (1888) e *Dernières Kermesses* (1920). Suas obras finais, como *Les Libertins d'Anvers* (1912) e *Le Terroir Incarné* (1923), continuaram a refletir sua preocupação com a moralidade e a vida flamenga, solidificando seu legado literário na Bélgica e além, por meio de diversas traduções.

## *Escal-Vigor*: da condenação à absolvição

A publicação de *Escal-Vigor* em 1899 gerou grande controvérsia para a época, tornando-se um dos primeiros romances em língua francesa a abordar abertamente um relacionamento homoafetivo. A obra, que primeiro havia sido parcialmente publicada sob o título *Le comte de la Digue*, narra a história de um amor socrático utópico, ao abordar o afeto entre dois homens de forma explícita, apesar de seu trágico desfecho, justificado talvez pela estética decadentista e naturalista da época. Por esse motivo, Eekhoud acabou sendo convocado a se defender no Tribunal Criminal de Bruges entre 24 e 27 de outubro de 1900. Camille Lemonnier, que também abordava temas semelhantes em seu *L'homme en amour*, foi igualmente processado.[10] Ambos os escritores foram defendidos pelo advogado liberal Edmond Picard, membro do Partido dos Trabalhadores Belga, e, por fim, absolvidos. A perseguição a Eekhoud e Lemonnier gerou uma onda de apoio, com mais de 200 artistas franceses e belgas assinando uma petição em defesa da liberdade artística e contra a repressão moral da época. Através de uma linguagem crua e direta, Eekhoud critica a moralidade repressiva da burguesia conservadora, ao mesmo tempo que explora a defesa do amor queer, em um período em que tais relações eram estigmatizadas e marginalizadas.

Publicado em 1899, sob a capa da prestigiada editora parisiense Mercure de France, narra-se a história do conde Henry de Kehlmark, mestre do castelo Escal-Vigor, e seu amor pelo jovem pastor Guidon. Mas o relacionamento dos dois, que começa de forma platônica, logo se transforma em tragédia. Segundo Faerber (2022, p. 205), desde seu lançamento, o romance provocou um escândalo sem precedentes e, em sua visão, longe de aderir ao naturalismo, o escritor defenderá sua obra antes como uma "utopia social". O título do romance é quase um anagrama perfeito do nome Oscar Wilde. A trama de *Escal-Vigor* se desenrola em uma ilha nórdica fictícia chamada Smaragdis, onde o narrador Eekhoudiano constrói uma sociedade imaginária para expor as intolerâncias da classe burguesa/religiosa. Para além de um simples relato de amor proibido, a obra trata de questões de identidade e moralidade ao descrever psicologicamente os diversos conflitos internos enfrentados pelas personagens principais. Assim o narrador inicia o relato de *Escal-Vigor*:

> Naquele primeiro de junho, Henry de Kehlmark, o jovem "Dykgrave" ou conde do Dique, castelão d'Escal-Vigor, atendia uma numerosa companhia, no estilo de *Joyeuse Entrée*, para celebrar seu retorno ao berço de seus ancestrais, em Smaragdis, a ilha mais rica e mais vasta de um desses alucinantes e heroicos mares do Norte, cujos golfos e fiordes cavoucam e decepam caprichosamente as ribeiras em arquipélagos e deltas multiformes. Smaragdis ou a ilha esmeraldina pertence ao reino meio germânico e meio celta de Kerlingalande.

10 Além desta, outras publicações haviam sido processadas por conta de seus valores "imorais". Conferir a tese de Romain Courapied Courapied, *Le traitement esthétique de l'homosexualité dans les oeuvres décadentes face au système médical et légal : accords et désaccords sur une éthique de la sexualité*. Littératures. Université Rennes 2, 2014.



ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 145-164

> Nos primórdios do comércio ocidental, uma colônia de mercadores hanseáticos lá se havia estabelecido. Os Kehlmark reivindicavam descender dos reis de mar ou vikings dinamarqueses. Banqueiros um pouco mesclados de piratas, homens de ação e de saber, eles seguiram Frederico Barbarossa em suas expedições na Itália, e se distinguiram por um afeto inquebrantável, a fidelidade do thane para com seu rei, na casa de Hohenstaufen. (Eekhoud, 1899, p. 9-10, tradução nossa).[11]

Henry de Kehlmark nasce de um amor heterossexual trágico, marcado pela morte prematura de seus pais devido à paixão excessiva. Como adolescente, cresce infeliz e melancólico, sentindo-se atraído por outros homens, mas incapaz de expressar seus sentimentos em uma sociedade que reprime tais desejos. Sua relação com Blandine, uma mulher quase santa que o acompanha em sua jornada, é marcada pela amizade platônica, mas é apenas quando conhece Guidon, um jovem camponês músico, que Henry experimenta um amor genuíno e arrebatador. O romance descreve o contexto de Henry e seus primeiros anos da seguinte forma:

> Apesar da popularidade dos Kehlmark na aldeia, nos últimos vinte anos o domínio permanecera inabitado. Os pais do atual conde, dois seres jovens e belos, ali se amaram a ponto de não conseguirem sobreviver um sem o outro. Henry ali nasceu alguns meses antes da morte deles. Sua avó paterna o acolheu, mas não quis mais colocar o pé de novo naquelas bandas de atmosfera e de clima inebriantes, aos quais atribuía a morte prematura de seus filhos [...]. A constituição débil do pequeno Dykgrave o tornava alvo de bullying por parte de seus condiscípulos, mas ele escapava delas com o prestígio de sua inteligência, prestígio que se impunha até aos professores. Todos respeitavam sua carência de solitude, de devaneio, sua propensão a evitar as recreações compartilhadas e a passear sozinho nas profundezas do parque, não tendo nenhum outro companheiro além de um autor favorito ou até mesmo, o mais frequentemente, se contentando apenas com seu próprio pensamento. Seu estado de saúde aumentava ainda mais sua vulnerabilidade. (Eekhoud, 1899, p. 13-14, tradução nossa).[12]



11 Ce premier juin, Henry de Kehlmark, le jeune « Dykgrave » ou comte de la Digue, châtelain de l'Escal-Vigor, traitait une nombreuse compagnie, en manière de Joyeuse Entrée, pour célébrer son retour au berceau de ses aïeux, à Smaragdis, l'île la plus riche et la plus vaste d'une de ces hallucinantes et héroïques mers du Nord, dont les golfes et les fiords fouillent et découpent capricieusement les rives en des archipels et des deltas multiformes. Smaragdis ou l'île smaragdine dépend du royaume mi-germain et mi-celtique de Kerlingalande. À l'origine du commerce occidental, une colonie de marchands hanséates s'y fixa. Les Kehlmark prétendaient descendre des rois de mer ou vikings danois. Banquiers un peu mâtinés de pirates, hommes d'action et de savoir, ils suivirent Frédéric Barberousse dans ses expéditions en Italie, et se distinguèrent par un attachement inébranlable, la fidélité du thane pour son roi, à la maison de Hohenstaufen.

12 « Malgré la popularité des Kehlmark dans le pays, ces derniers vingt ans le domaine était demeuré inhabité. Les parents du comte actuel, deux êtres jeunes et beaux, s'y étaient aimés au point de ne pouvoir survivre l'un à l'autre. Henry y était né quelques mois avant leur mort. Sa grand'mère paternelle

Guidon, um jovem marginalizado pela família e pela sociedade, por sua vez, é o filho renegado do prefeito, Govaertz, e sua relação com Henry é tanto uma descoberta emocional quanto uma transgressão das normas sociais. Embora o amor entre eles seja puro e sincero, ambos são condenados pela sociedade, até uma série de eventos trágicos, são alvo de chantagens e perseguições. O romance atinge seu clímax em uma cena de violência extrema, onde Guidon é violentado e linchado pelo povo da ilha, enquanto Henry tenta salvá-lo, mas acaba sendo ferido gravemente, o que remete à figura de São Sebastião, símbolo de martírio e sofrimento. O trecho final do romance enfatiza essa perspectiva de amor e sacrifício, conforme a transcrição abaixo.

> Sim, permanecer eu mesmo, Blandine! Não mudar!... Permanecer fiel até o fim à minha natureza justa, legítima!... Se eu tivesse que renascer, seria assim que eu gostaria de amar, mesmo que eu devesse sofrer tanto ou até mais do que sofri; [...] bendito nosso martírio que resgatará, libertará, exaltará finalmente todos os amores! [...] Guidon e Henry confundiram sua respiração em um beijo supremo. [...] Estaria o deus enfim os chamando ao céu? (Eekhoud, 1899, p. 260-261, tradução nossa).[13]

*Escal-Vigor*, contudo, não se limita a ser apenas uma história de amor impossível. Segundo Peeters (2020), Eekhoud propõe um jogo entre a escrita e a pintura, criando uma espécie de "poética da pintura" que serve ao mesmo tempo como revelação e legitimação da homossexualidade. Em sua análise, a obra, ao se imergir nesse campo de ambiguidades, se vale da pintura como um elemento central, ocultando o homoerotismo em meio a uma série de camadas e subtextos, o que faz com as referências religiosas tradicionais sejam reinterpretadas por Eekhoud em defesa de uma nova moralidade, moral esta que não se submete à ética burguesa, mas que se alinha à sua própria estética no plano da ficção. Nesse sentido, a homossexualidade é antes celebrada como uma "outra religião", pagã e natural, distante da moralidade dominante, pois que São Sebastião se torna a figura cristológica dessa religião, um ícone martirizado, enquanto Henry, o protagonista, assume o papel de "São Sebastião dos amores proibidos", proclamando sua fé na liberdade sexual; Blandine, a figura ambígua que equilibra o sagrado e o profano, se coloca como a virgem desse culto



le recueillit, mais ne voulut plus remettre le pied dans cette contrée, à l'atmosphère et au climat capiteux de laquelle elle attribuait la fin prématurée de ses enfants. [...] La constitution débile du petit Dykgrave le désignait même aux brimades de ses condisciples, mais il y avait échappé par le prestige de son intelligence, prestige qui s'imposait jusqu'aux professeurs. Tous respectaient son besoin de solitude, de rêverie, sa propension à fuir les communs délassements, à se promener seul dans les profondeurs du parc, n'ayant pour compagnon qu'un auteur favori ou même, le plus souvent, se contentant de sa seule pensée. Son état maladif augmentait encore sa susceptibilité ».

13 « Oui, rester moi-même, Blandine ! Ne pas changer !... Demeurer fidèle jusqu'au bout à ma nature juste, légitime !... Si j'avais à revivre, c'est ainsi que je voudrais aimer, dussé-je souffrir autant et même plus que je n'ai souffert ; [...] béni notre martyre qui rachètera, affranchira, exaltera enfin toutes les amours ! [...] Guidon et Henry confondirent leurs haleines dans un suprême baiser. [...] Le dieu l'appellerait-il enfin dans son ciel ? ».

pagão, e a pintura italiana emerge como a Revelação final dessa fé homossexual, afirma Peeters (2020, p. 76).

## Uma tradução *queer* comentada

Segundo Dias (2013, p. 18), e embora outros autores possam apresentar diferentes abordagens,[14] a Literatura Gay se caracteriza por ser escrita *por* e *para* homossexuais. Em sua visão, essa compartimentalização é importante na medida em que oferece uma abordagem específica e contextualizada desse universo, possibilitando uma análise crítica das representações do homoerotismo e do desejo entre os indivíduos considerados sexualmente desviantes. Ele comenta ainda que a literatura de temática gay oferece uma rica ferramenta para a análise do contexto sociocultural da homossexualidade, funcionando como um reflexo das transformações sociais e políticas que marcaram o movimento LGBT+. A resistência contra a norma heterossexista passa a se tornar uma motivação constante em tais obras.

O valor de uma literatura feita por quem a vivencia estaria justamente no fato de que ela se torna o espaço para o protagonismo de uma sexualidade historicamente marginalizada. Ainda segundo Dias (2013, p. 23), valendo-se de abordagens pós-coloniais, a literatura homoafetiva não se limita a retratar os estereótipos ou as representações patológicas da sexualidade, mas, ao contrário, busca resgatar o que foi silenciado, promover revisionismos entre centro e periferia, fazer a transição dessa produção literária da margem para o centro. Dias (2013, p. 27) atesta que a existência dessa literatura em especial reconhece o amor gay, suas complexidades e desafios, como o próprio André Gide já havia revelado em suas obras. Nesse sentido, acreditamos que a tradução de *Escal-Vigor* para o português pode, em boa medida, priorizar uma perspectiva queer que leve em conta as especificidades do texto de pardido. Marc Démont (2018) detalhou as características dessa abordagem na prática tradutória da seguinte maneira:

> Uma prática de tradução queer faz o seu melhor para traduzir não apenas o conteúdo semântico ou aquilo que Appiah define como seu conteúdo literal, mas para oferecer uma tradução que preserve a rede de associações conotativas virtuais e, portanto, as ambiguidades do texto e seu conteúdo potencialmente disruptivo, a fim de abrir novas possibilidades de leitura. Se essa prática de tradução está ligada à tradução estrangeirizante de Venuti, no



14 Como observa Telmo Fernandes (2006, p. 145) em sua resenha da obra de Guacira Lopes Louro, *Um Corpo Estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, a perspectiva queer rompe com o pensamento binário tradicional de gênero e sexualidade, sugerindo que todos nos desviamos, em maior ou menor grau, das normas impostas. No entanto, ele também ressalta que as políticas identitárias ainda operam, muitas vezes, dentro dessa lógica binária, buscando reconhecimento e afirmação política. Nesse sentido, compreendemos que a Literatura Gay pode assumir tanto uma postura reificante quanto uma postura mais desconstrutiva.

> sentido de que a tradução queer busca resistir à lógica de dominação ou apropriação, ela também vai além de seu conceito, uma vez que a tradução queer permanece constantemente sensível à "estranheza" do texto, ao recusar voluntariamente oferecer uma tradução "definitiva", resistindo à tentação de fechar a tradução sobre si mesma e oferecendo comentários que preservam suas ambiguidades fundamentais e destacam suas potenciais linhas de fuga interpretativas. Seja em seu aspecto crítico ou em seu aspecto de glossagem, a tradução queer foca nas escolhas e estratégias que os tradutores adotam para ocultar, congelar ou deixar em aberto um conteúdo queer disruptivo. (Démont, 2018, p. 168, tradução nossa).[15]

Em consonância com o comentário do autor, defendemos a tradução como um ato político, uma prática ética e estética capaz de apreender as fronteiras sensíveis e ambíguas da homoafetividade. No que se refere à seleção dos excertos a serem analisados, nosso olhar está mais especificamente voltado ao modo como são construídas as personagens centrais sob a ótica do homoerotismo, bem como à maneira pela qual os tradutores lidaram com o linguajar naturalista que frequentemente depreciava as dissidências de gênero e as relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo.

Para mediar essa estranheza do texto de partida no contexto de chegada, a(o) tradutor(a) queer deveria, nesse sentido, considerar algumas estratégias tradutórias plurais. Esse projeto deveria reconhecer, antes de tudo, toda a natureza "multifacetada e prismática" da implicatura queer nos textos literários e sua resistência a quaisquer abordagens tradutórias unilaterais, segundo Démont (2018, p. 157). Em suma, o projeto tradutório almejado se destaca por combinar "tempos e lugares anteriormente díspares em seu trânsito entre línguas e culturas", mesclando as referências do texto de partida com novas referências culturais contemporâneas, abrindo espaço para uma outra "temporalidade queer" (Larkosh; Berndt, 2022, p. 7).

Justificamos a escolha dos trechos a seguir por conta de desafios específicos referentes a questões de gênero e sexualidade. Antes de passarmos para as análises, julgamos importante ampliar as perspectivas teóricas provenientes dos estudos queer, considerando as reflexões de Eve Kosovsky Sedgwick sobre as leituras *paranoica* e *reparadora*. Adotando uma perspectiva queer da tradução, este artigo busca discutir, a partir dos excertos, esses dois modos de leitura, compreendendo a leitura reparadora como uma reescrita queer capaz não apenas de revisitar o texto de partida, mas de (re)



15 "A queering mode of translation does its best to translate not only the semantic content or what Appiah defines as its literal content, but to offer a translation that preserves the web of virtual connotative associations and, therefore, the text's ambiguities and potentially disruptive content, in order to open new possibilities of readings. If this mode of translation is connected to Venuti's foreignizing translation in the sense that the queering translation seeks to resist the logic of domination or appropriation, it also goes beyond Venuti's concept since the queering translation remains constantly sensitive to the queerness of the text by voluntarily refusing to offer an 'ultimate' translation, by resisting the temptation to close the translation on itself, and by offering commentary that preserves its fundamental ambiguities and highlights its potential interpretative lignes de fuite. Whether in its critical aspect or in its glossing aspect, the queering translation focuses on the choices and strategies that translators make in order to conceal, to congeal, or to leave open a disruptive queer content."

criar pontes com o público-leitor LGBT+ brasileiro, buscando, por meio da tradução, desenvolver diálogos com obras naturalistas. Tal abordagem, a nosso ver, ressignifica a prática tradutória, deslocando-a de um *topos* meramente técnico para um espaço de resistência e transformação que acolhe e amplia a visibilidade das subjetividades LGBT+ presentes no romance, de modo similar ao projeto neerlandês. Ao contrário da leitura paranoica, que tende a se concentrar na antecipação da violência, a abordagem reparadora procura explorar novas possibilidades de interpretação, considerando tanto as limitações quanto as potências que podem existir no texto original.

O Quadro 1 apresenta um excerto da obra e quatro propostas de tradução. No trecho em questão, Guidon está sendo apresentado a Henry pelo pai de forma pejorativa. No original francês, "fille manquée" pode ser interpretada de forma semelhante à expressão "garçon manqué", que se refere a uma garota que adota características ou comportamentos considerados típicos de um garoto, desde as escolhas de vestuário, atitudes ou atividades vistas como masculinas, mas que não correspondem necessariamente às normas de gênero tradicionais. A expressão em *Escal-Vigor*, somada ao discurso de violência do pai, carrega um grande peso de crítica e rejeição ao não cumprimento das expectativas de gênero associadas ao masculino em uma sociedade heteronormativa. Quando a expressão "fille manquée" é usada para descrever Guidon, ela revela uma problemática de sua identidade de gênero: a personagem é vista como "efeminado", uma vez que não performa o papel masculino tradicional imposto pela sociedade.



**Quadro 1** - Une fille manquée

| |
|---|
| — Monsieur le comte, voilà mon fils Guidon, le vaurien dont je vous parlais tout à l'heure, ricana le bourru en faisant pivoter le gamin sur lui-même ; [...] Bâti comme vous le voyez, monsieur, n'est-ce pas une honte ? Et pleurnichard ! Ça se met à braire, ça se trouve mal quand on tue un porc à la kermesse ou quand le boucher passe la craie rouge sur le dos des ouailles à convertir en gigots !... Guidon, c'est une fille manquée... Mon vrai garçon, c'est notre Claudie... En voilà une qui abat de la besogne !... (Eekhoud, 1899, p. xx) |
| — Senhor conde, aqui está meu filho Guidon, o pra-nada do qual eu já havia falado, zombou o resmungão, fazendo o jovem dar uma voltinha. [...] Uma figura dessas, senhor, não é uma vergonha? E é chorão! Isso aí esperneia, passa mal quando matam um porco na quermesse ou quando o açougueiro marca com o giz vermelho as ovelhas que vão virar churrasco! Guidon é uma menininha... Meu verdadeiro filho é a nossa Claudie... Essa sim faz o que tem que fazer! (Tradução G1) |
| Senhor Conde, aqui está meu filho Guidon, o inútil do qual eu lhe falei antes, rindo rudemente, girando o garoto em torno de si mesmo; assim como você está vendo, senhor, não é uma vergonha? E chorão! E essa coisa se põe a relinchar, e piora quando matam um porco na quermesse, ou quando o açougueiro marca o rebanho pra transformar em pernil!... É um mariquinha. Meu verdadeiro garoto é nossa Claudie... Tá aí uma que bota a mão na massa! (Tradução G2) |
| — Senhor Conde, aqui está meu filho Guidon, o traste do qual lhe falava ainda agora, riu o rabugento fazendo o menino dar uma voltinha; [...] Desse jeito que o senhor está vendo, não é uma vergonha? E cheio de frescura! Isso aí se queixa, fica mal quando matam um porco na feira ou quando o açougueiro passa o giz vermelho nas costas dos cordeiros que vão ser convertidos em bons assados!... Guidon, é a filha que eu deveria ter tido... Meu verdadeiro filho é a nossa Claudie... Eis aí uma que trabalha duro! ... (Tradução G3) |

| |
|---|
| — Prezado Conde, eis o meu filho Guidon, o vagabundo que lhe falei há pouco, gracejou o sisudo girando o menino; [...] Desse jeito, Senhor, não é uma vergonha? E chorão! Se mete a berrar, desmaia quando a gente mata um porco na quermesse ou quando o açougueiro talha as ancas das ovelhas para convertê-las em pernis!.. Guidon, é uma mocinha...O menino mesmo é a Claudie... Ela sim põe a mão na massa!.. (Tradução G4) |

**Fonte:** elaborado pelos autores (2025).

Foi traduzido recentemente no Brasil outro título naturalista/decadentista, de Han Ryner, cujo original se intitulava *La Fille manquée*, surgindo em português como *A menina que não fui*, com autoria de Régis Mikail, o que suaviza a conotação pejorativa da expressão original, enfatizando uma experiência mais introspectiva e reflexiva ["não fui"], em vez de colocar ênfase na rejeição social. É interessante observar como cada grupo lida com a questão tradutória em torno da expressão *fille manquée*. Enquanto G1 e G4 optam pelo uso do diminutivo de substantivos femininos — "menina" e "moça" —, sugerindo uma possível ironia que remete à fragilidade ou à inadequação diante das normas de gênero, G2 recorre ao termo "mariquinha". Embora historicamente associado a conotações pejorativas dirigidas a homens que não se conformam com padrões hegemônicos de masculinidade — especialmente homens afeminados —, "mariquinha", assim como outros vocábulos, tem sido ressignificado por setores da comunidade LGBT+ como forma de resistência e afirmação identitária, ao apropriar-se do insulto e reconfigurá-lo em símbolo de orgulho. Em contraste, a solução de G3 — "é a filha que eu deveria ter tido" — adota uma formulação mais ambígua, no modo condicional, que preserva certa tensão entre frustração e idealização. Assim, G3 não apenas preserva o conflito discursivo da época, como também cria uma ponte com a temporalidade queer que caracteriza a obra do autor.



Já o Quadro 2 apresenta um segundo excerto da obra e três propostas[16] de tradução para a expressão "*la religion de l'amour absolu, aussi bien homo qu'hétérogénique*". Trata-se de um momento de elevação emocional e intelectual de Henry, que, ao lado de Guidon e Blandine, sente-se capaz de "criar a religião do amor absoluto", que é tanto homo quanto heterogêneo [sic]. A referência religiosa, descrita como "missão fatal", sugere um movimento transformador, conforme lemos em seguida.

**Quadro 2 -** Homo/hétérogénique

| |
|---|
| Mais à présent, Henry était revenu au sentiment de sa dignité, de son autonomie et de sa conscience. Avec Guidon et Blandine, il se sentait de force à créer la religion de l'amour absolu, aussi bien homo qu'hétérogénique. Il s'exaltait comme un confesseur à la veille d'un départ pour une mission impérieuse, fatale. (Eekhoud, 1899, p. 229) |
| Mas, agora, Henry tinha chegado ao ápice da sua dignidade, de sua autonomia e de sua consciência. Com Guidon e Blandine, ele se sentia forte para criar a religião do amor absoluto, (para todos) tanto homo quanto heterogêneo. Ele vivia em êxtase, como um profeta prestes a partir para uma missão imperiosa, e fatal. (Tradução G1) |

16 O Grupo 2 não apresentou proposta de tradução para este trecho.

| |
|---|
| Mas agora, Henry chegou ao [cerne/ápice/âmago] da sua dignidade, autonomia e consciência. Com Guidon e Blandine, ele teve forças para criar a religião do amor absoluto, tanto homo como heterogênico. Ele se exaltava como um confessor na véspera da partida para uma missão imperiosa, fatal. (Tradução G3) |
| Mas agora, Henry chegou no cerne da sua dignidade, de sua autonomia e consciência. Com Guidon e Blandine, sentia pulsar a necessidade de uma religião de amor absoluto, polissexualizada/tanto homo quanto heterogênico. Maquinava/devaneava tal um confessor na véspera da uma missão necessária/inevitável, fatal.<br>(Tradução G4) |

**Fonte:** elaborado pelos autores (2025).

Ficam evidenciadas aqui duas estratégias tradutórias no que se refere à problematização do binarismo homo/heterossexual. Os demais grupos forneceram mais de uma possibilidade de tradução, como é o caso do G4. Percebemos que G1 e G3 optam por manter a estrutura do binarismo sexual, retomando literalmente a expressão "tanto homo quanto heterogêneo" ou "heterogênico", preservando assim as categorias normativas de desejo como mutuamente excludentes e estáveis, coerentes com o vocábulo do final do século XIX. Em contrapartida, o excerto proposto pelo G4, ao optar pelo neologismo "polissexualizada" em lugar de "heterogêneo", propõe uma leitura que rompe com a lógica binária e atualiza o campo semântico do texto de partida. Tal escolha se aproxima do conceito de pansexualidade, definido por Tourinho (2017, p. 16) como "a atração sexual ou romântica por pessoas independentemente do sexo ou gênero das mesmas", incluindo não apenas homens e mulheres, mas também intersexuais, transsexuais e intergêneros. Segundo o autor, pansexual (ou omnissexual, polissexual, trissexual) é quem que sente atração por pessoas, independentemente de sua identidade ou orientação sexual. Nesse sentido, ao incorporar "polissexualizada" em sua tradução, o G4 não apenas amplia o escopo do desejo implicado na noção de "amor absoluto", mas também atualiza, em boa medida, o texto de chegada, tornando visível a(s) dissidência(s) sexual(is) e de gênero apagadas pela heteronormatividade.



A teoria queer, por sua vez, propõe uma crítica às construções rígidas de gênero e sexualidade, desafiando normas heteronormativas e os binarismos que tendem a categorizar os sujeitos de forma fixa como "masculino" e/ou "feminino". Nessa perspectiva, Judith Butler (2019, p. 18) argumenta que o "sexo" não constitui um dado biológico anterior à cultura, mas sim uma norma regulatória que governa a materialização dos corpos. A performatividade de gênero, portanto, não deve ser entendida como expressão autêntica de um sujeito soberano, mas como um efeito reiterativo das normas sociais que o (re)produzem e o delimitam. A subjetividade, assim, emerge de processos discursivos que definem quais identidades são possíveis, reconhecíveis e legitimadas em determinados contextos socioculturais.

Para além do paradigma da estrangeirização/domesticação, recorremos a Eve Kosofsky Sedgwick, especialmente à sua coletânea de ensaios *Touching Feeling*, publicada em 2003, na qual ela apresenta o texto "Leitura paranoica e leitura reparadora, ou, Você

é tão paranoico que provavelmente pensa que este ensaio é sobre você", que norteia algumas de nossas reflexões para este projeto tradutório de *Escal-Vigor*. Lembramos que, enquanto a leitura paranoica se caracteriza por uma antecipação negativa, pela rejeição de toda e qualquer surpresa e por uma desconfiança estrutural típicas da crítica ocidental tradicional, a leitura reparadora busca ir além dessa postura, oferecendo uma nova abordagem afetiva e mais generosa com relação ao objeto textual. Segundo Sedgwick (2020, p. 391), partindo da "hermenêutica da suspeita" de Paul Ricoeur, a leitura reparadora não se preocupa apenas com o que é dito, mas com como e para que fim isso está sendo dito.

Para a autora, a leitura reparadora "não é menos incisiva" ou realista que a paranoica, mas sim uma forma de engajamento que permite uma relação mais pedagógica com o texto, valorizando o aprendizado e a conexão emocional que ele pode proporcionar. Ao contrário da leitura paranoica, que tende a rejeitar o prazer da fruição textual, a leitura reparadora busca criar uma experiência que resgata as demandas de leitores historicamente invisibilizados, promovendo outras "formas pelas quais sujeitos e comunidades conseguem nutrir-se com os objetos de uma cultura — até mesmo de uma cultura cujo desejo declarado tem sido frequentemente de não sustentá-las" (Sedgwick, 2020, p. 420). Acreditamos que uma abordagem reparativa na tradução de *Escal-Vigor* permitirá ressignificar o romance para o público LGBT+ brasileiro, proporcionando uma experiência de leitura mais generosa, ao mesmo tempo que preserva a complexidade do discurso queer e a crítica à moralidade oitocentista presente na obra original.



Essa perspectiva de Sedgwick sobre a leitura reparadora pode ser somada às reflexões de Baer (2021, p. 228), o qual aponta que a hermenêutica da suspeita, característica da leitura paranoica, limita as práticas culturais e políticas que poderiam ser reparadoras. Ao contrário da leitura paranoica, que muitas vezes torna invisíveis as práticas culturais e afetivas reparadoras, a leitura reparadora enfatiza o potencial de transformação cultural, como é exemplificado na tradução que ele demonstra da poesia lírica de Aleksei Apukhtin, poeta queer russo do século XIX. A ênfase de Baer (2021, p. 149) está no fato de que a poesia lírica, ao ser vista sob uma ótica reparadora, tem o poder de restaurar o sentido e a coerência de obras que, sob uma perspectiva paranoica, seriam desconsideradas ou deslegitimadas.

## Considerações finais

A inclusão de temáticas queer no ensino universitário e na formação de leitores é um desafio persistente, como bem nos lembra Silva-Reis (2024, p. 120). Assim, incentivar a tradução de obras literárias com temáticas queer nas universidades e no ensino de literaturas francófonas poderia ampliar a visibilidade dessas produções no cenário literário brasileiro. Este artigo buscou contribuir para a diversificação e maior acessibilidade da literatura de origem francófona no meio acadêmico, oferecendo uma

visão mais ampla e crítica sobre as sexualidades dissidentes e suas representações no universo literário. De acordo com Silva-Reis (2024, p. 122), a falta de acesso a essas obras nas universidades contribui para a "falta de experiências com as estéticas queer", dificultando a compreensão da diversidade cultural e das representações de gênero e sexualidade.

Embora o foco principal deste artigo se concentre em um aspecto queer da obra de Eekhoud, é importante reconhecer que sua escrita, especialmente em *Escal-Vigor* e outros romances, contém uma série de elementos que podem ser analisados à luz da teoria queer. Eekhoud, ao explorar a homoafetividade, apropria-se de uma linguagem carregada de simbolismos que remetem ao corpo e ao desejo, como, por exemplo, por meio da repetição do fonema /o/, associado a significados de orifícios corporais e fissuras, conforme analisa Mirande Lucien (1999, p. 221). A estudiosa vê esse tipo de simbolismo como uma maneira de simular a linguagem flamenga e suas vibrações glóticas, carregando um "prazer transgressor" em apelo ao grotesco que não deve passar despercebido pelo(a) tradutor(a) queer. Devido às limitações deste artigo, acreditamos que novos estudos na área de tradução seriam necessários para proporcionar uma compreensão mais diversa e acurada do universo queer de Eekhoud.

Parece haver um crescente interesse no mercado editorial brasileiro pela tradução de obras francófonas decadentes, que passam a ser rotuladas como LGBT+.[17] Em agosto de 2024, chegou ao Brasil, pela primeira vez, a tradução de *Senhor Vênus* (Monsieur Vénus, 1884), de Rachilde, pseudônimo de Marguerite Vallette-Eymery, escritora francesa considerada excêntrica e subversiva para os parâmetros sociais e culturais da França aristocrática do final do século XIX. A obra retrata, de forma decadente e ultrapassada, os aspectos da sociedade da época, conforme o movimento literário do decadentismo francês. No caso de *Senhor Vênus*, justifica Vieira (2014, p. 14) que "não há elucubrações sobre a sexualidade ou a identidade de gênero dos personagens", confundindo "o masculino e o feminino", bagunçando o amor, e lembrando-nos "que o passado pode ser tão ou mais subversivo que o presente", sendo uma obra que antecipa, inclusive, a androginia da personagem Orlando, do romance homônimo de Virginia Woolf, e, por isso, tão relevante para o Brasil conservador dos últimos anos.



17 Além disso, destacam-se, pela primeira vez em língua portuguesa, outras obras francófonas pioneiras na literatura LGBT+, como *O beijo de Narciso* (Le Baiser de Narcisse, de 1912), de Jacques d'Adelsward-Fersen, com tradução inédita de Régis Mikaio, também publicada pela editora Ercolano, e *A menina que não fui* (La Fille Manquée), do autor franco-argelino Han Ryner. Este último narra a história de François de Taulane, apelidado de "mulherzinha" e "Rainha Françoise" pelos colegas. O livro conta com um prefácio de João Silvério Trevisan, pesquisador referência nos estudos LGBT+ no Brasil. Apesar de muitas ausências, Silva-Reis (2024) aponta uma ascensão do mercado editorial voltado ao público leitor LGBT+, o que justifica o interesse em torno de reflexões teóricas acerca do surgimento de novas traduções no par linguístico francês-português sob a ótica queer.

Eles mudaram meu tempo, ma
E minha música e minhas palavras
Eles nada entenderam da canção
Onde eu tinha escrito minha vida, oh ma
[...] Eles traduziram minha canção, ma
Eles traíram minha canção, ma
Não era nada além de uma canção
Mas era a minha canção, ma
(Maurice Vidalin)[18]

## Referências


BAER, Brian James. **Queer Theory and Translation Studies: Language, Politics, Desire**. London; New York: Routledge, 2021.

BOURCIER, Marie-Hélène. **Queer Zones: politique des identités sexuelles et des savoirs**. Paris: Éditions Amsterdam, 2011.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. São Paulo: N-1 Edições, 2019 [1996].





COURAPIED, Romain. **Le traitement esthétique de l'homosexualité dans les œuvres décadentes face au système médical et légal: accords et désaccords sur une éthique de la sexualité**. 2014. 509 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Rennes 2, Rennes, 2014. Disponível em: <tel-01127446>. Acesso em: 1 mar. 2025.

DÉMONT, Marc. On Three Modes of Translating Queer Literary Texts. In: BAER, Brian James; KAINDL, Klaus (Eds.). **Queering Translation, Translating the Queer: Theory, Practice, Activism**. New York: Routledge, 2018. p. 157-171.

DIAS, Roberto Muniz. **Editoras LGBTTT brasileiras contemporâneas como registro de uma literatura homoafetiva**. 2013. 130 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

EEKHOUD, Georges. **Escal-Vigor**. Paris: Mercure de France, 1899.

EEKHOUD, Georges. **Escal-Vigor***: a novel from the French*. Tradução de Charles Carrington. Bruxelas: Gutenberg Press, 1909.


18 « Ils ont changé mon tempo, ma / Et ma musique et mes mots / Ils n›ont rien compris à la chanson / Où j›avais écrit ma vie, oh ma [...] / Ils ont traduit ma chanson, ma / Ils ont trahi ma chanson, ma / Ce n›était rien qu›une chanson / Mais c›était ma chanson, ma ».

EEKHOUD, Georges. **A Strange Love: a novel of abnormal passion**. Tradução de Charles Carrington. Nova York: Panurge Press, 1930.

EEKHOUD, Georges. **A Strange Love: Escal-Vigor**. Tradução de Charles Carrington. Washington, D.C.: Guild Press, 1965.

FAERBER, Johan. 15 Juillet 1900. **Escal-Vigor, le roman homosexuel de Georges Eekhoud, au tribunal. In: Ma dose quotidienne de littérature française: 365 notions de littérature**. Paris: Armand Colin, 2022. p. 205-205. Disponível em: https://shs.cairn.info/ma-dose-quotidienne-de-litterature-francaise--9782200633677-page-205?lang=fr. Acesso em: 1 mar. 2025.

FERNANDES, Telmo; LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [online], n. 76, 2006. Publicado em: 01 out. 2012. Disponível em: http://journals.openedition.org/rccs/879. Acesso em: 18 jun. 2025. DOI: https://doi.org/10.4000/rccs.879.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade do saber (Vol. 1***)*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

LARKOSH, Christopher; BERNDT, André Luís Leite de Menezes. James S. Holmes, Estudos da Tradução e a ética queer da primeira pessoa. **Cadernos de Tradução**, v. 42, n. 1, p. 1-28, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e82726. Acesso em: 1 mar. 2025.

LUCIEN, Mirande. **Eekhoud le rauque**. Lille: Presses universitaires du Septentrion, 1999.

PEETERS, Kris. Du national au transnational. Escal-Vigor (1899) et sa traduction en néerlandais (2014). In: LIEVOIS, Katrien; GRAVET, Catherine (Eds.). ***La littérature belge francophone en traduction. Parallèles***, Universidade de Genebra, v. 32, n. 1, p. 103-119, abril 2020.

ROSENFELD, Michael. Escal Vigor – A novel from the French of George Eekhoud: Comment traduire l'« innommable ». In: COSTA, B.; GRAVET, C. (Eds.). **Traduire la littérature belge francophone: Itinéraires des œuvres et des personnes**. Bruxelas: UMONS press, 2016. p. 25-40.

ROSENFELD, Michael. L'amitié homo-littéraire de Georges Eekhoud et de Jacob Israël de Haan. 'Je suis profondément heureux que vous êtes mon ami'. In: BATTISTON, Régine; DZIUB, Nikol; VOEGELE, Augustin (Eds.). « **Amitiés vives** » **: littérature et amitié dans les correspondances d'écrivains**. p. 141-154. Reims: ÉPURE - Éditions et Presses universitaires de Reims, 2022.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire**. New York: Columbia University Press, 1985.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Touching Feeling: Affect, Pedagogy, Performativity**. Durham, NC; London: Duke University Press, 2003.

SEDGWICK, Eve Kosofsky; RUGGIERI, Mariana; NOGUEIRA, Camila; ROMÃO, Luiza; SALDANHA, Fabio; NATALI, Marcos; MELO, Roger. Leitura paranoica e leitura reparadora, ou, você é tão paranoico que provavelmente pensa que este ensaio é sobre você. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 40, n. 1, p. 389–421, 2020. DOI: 10.20396/remate.v40i1.8658630. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8658630. Acesso em: 1 mar. 2025.

SILVA-REIS, Dennys. **Literatura LGBT em língua francesa no Brasil: flashes tradutórios. Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, v. 29, n. 2, p. 110-125, 2024.

TOURINHO, Francis Solange Vieira et al. **Glossário da Diversidade**. Santa Catarina: [s. n.], 2017. 31 p. Disponível em: https://noticias.ufsc.br/files/2017/10/Glossário_versãointerativa.pdf. Acesso em: 21 abr. 2022.

TREVISAN, João Silvério (Prefácio). O menino que era rainha. In: RYNER, Han: **A menina que não fui**. Tradução de Régis Mikail. São Paulo: Editora Ercolano, 2023.

VIEIRA, Helena (Préfácio). Quem terá medo de Rachilde. In: RACHILDE, **Senhor Vênus**. São Paulo: Ercolano Editora, 2024.



ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 145-164